

Balneários da Serra não têm estrutura de Saúde

Cláudia Feliz

A temporada de verão, mesmo com a insistência do tempo nublado, tem provocado, pelo menos nos balneários da Serra, uma maior demanda de atendimentos médicos nas unidades ambulatoriais e no hospital Dório Silva, que, por causa da falta de resolutividade dos postos municipais vem atuando com sobrecarga, o que resulta em queda da qualidade do atendimento. Para complicar, a Prefeitura fechou o pronto-socorro de

Uma mulher, vítima de afogamento, chega à Farmácia Villas Boas, em Nova Almeida, na Serra. Está inconsciente e sangra pela boca. São 18 horas de uma terça-feira e o único serviço médico existente no local, uma unidade sanitária da Prefeitura, está fechado. A ambulância, em reparos, é substituída por um carro particular que leva a paciente por um longo percurso até o hospital Dório Silva, em Laranjeiras.

Isso aconteceu na semana passada. Um dia depois, no também balneário serrano de Jacaraípe, uma mulher em adiantado estado de gestação bate à porta da Farmácia Jacaraípe, onde o proprietário Armino Andrade acaba constatando que o bebê pode nascer a qualquer momento. Põe a mulher no carro e parte rumo ao hospital Dório Silva. Na Serra, embora haja praticamente uma unidade sanitária em cada bairro, com estrutura física e de recursos humanos bem melhor do que a grande maioria dos municípios do Estado, o hospital Dório Silva, da rede estadual de Saúde, vem sofrendo com uma sobrecarga de atendimentos, principalmente neste período de férias escolares e fluxo turístico mais acentuado.

Estrutura

A situação adquire contornos de maior complexidade na medida em que, desde o dia 19 de dezembro do ano passado, a Prefeitura da Serra resolveu reformar e ampliar o pronto-

Carapina para reformas. A situação, segundo o diretor do hospital, André Ruschi, chegou a ser debatida por profissionais da unidade na semana passada. O superintendente de Ações de Saúde da Secretaria da Saúde (Sesa), Paulo Marangoni, admite que também os balneários de maior atração turística exigem um investimento das prefeituras na construção de ambulatorios e pronto-socorros resolutivos. Do contrário, os doentes acabam vindo, como de hábito, sobrecarregar as unidades hospitalares da Grande Vitória, gerando filas e muita reclamação.

socorro e maternidade de Carapina, onde vinham sendo registrados, respectivamente, sete mil atendimentos e 90 partos por mês. "Foi uma coincidência ruim", admite a enfermeira Bernadete Coelho Xavier, diretora da unidade, referindo-se ao fato de as obras terem sido iniciadas justamente em plena temporada de verão, embora ela garanta que, dentro de duas semanas, vá ser possível retomar os trabalhos no local (até uma nova paralisação, para os serviços mais complexos).

Indicada na última quinta-feira para o cargo de secretária da Saúde no município, Lorena Meneghelli Batista diz que a rede ambulatorial da Serra é uma das melhores do Estado. Faz questão de frisar que há quatro médicos em cada uma delas, ambulâncias, estrutura em termos de medicamento e equipamentos. Mas não nega que regiões como Nova Almeida necessitem de um pronto-socorro — meta da administração municipal para este ano.

O balneário faz divisa com Fundão, onde só há um posto de saúde e estaria, segundo cálculos do administrador da região, Aureliano Pereira, com o dobro do número normal de habitantes — 15 mil — por causa da temporada de verão —, mesmo com céu permanentemente nublado, chuvas ocasionais e uma imagem bastante invernal.

Com o aumento do número de habitantes, aumenta também a demanda de pessoas necessitadas de atendimento médico, muitas vezes urgente. A uni-



Por causa da demanda de outras regiões, o Dório Silva está lotado

dade sanitária, embora com boas instalações físicas e possuindo 20 funcionários — aí estão incluído dois clínicos, um ginecologista e um obstetra, mesmo número de servidores da unidade instalada em Jacaraípe — esbarra em limitações próprias de serviços do gênero.

A unidade funciona como ambulatorio, onde são feitas vacinas de rotina, nebulizações, pequenas suturas e drenagem de abscessos. Mesmo assim, não são poucos os moradores que insistem em assegurar que, no que diz respeito às suturas e drenagens, muitas vezes é preciso buscar o hospital Dório Silva ou mesmo a farmácia mais próxima.

Como a ambulância está quebrada desde dezembro, os moradores de menor poder aquisitivo têm mesmo que utilizar o ônibus para buscar socorro fora do balneário. No hotel Praia Sol, o proprietário, José Murilo Coutinho diz que mantém contato, quando necessário, com um médico de Jacaraípe, que atende em consultório particular, para socorrer hóspedes que necessitem de cuidados. Afinal, a unidade sanitária fecha às 17 horas e José Murilo garante que, mesmo aberta, nem sempre é possível garantir ali o atendimento necessário. "Qualquer corte a gente tem mesmo que levar a pessoa para o Dório Silva...", diz ele.

À noite, não

O hospital só é substituído pelas farmácias. Em Nova Almeida existem duas — uma outra fica em Praia Grande, Fundão — mas nenhuma delas

funciona em esquema de plantão noturno. É no balcão da farmácia que chegam os problemas típicos de verão: queimaduras de sol, intoxicação alimentar, alergias, cortes provocados por ostras ou vidro, escoriações geradas por acidentes domésticos ou automobilísticos.

Na Villas Boas, o funcionário Amaury Andrade não nega que faz suturas, por exemplo — um procedimento exclusivo do profissional médico. Pequenas suturas custam de Cr\$ 2 mil a Cr\$ 3 mil. Foi justamente Amaury quem recebeu a mulher que se afogou em Praia Grande, na semana passada. "Trouxeram ela pra cá já inconsciente, sangrando pela boca. Um rapaz, num Gol, ficou com pena e levou a mulher para o Dório Silva. Não sei se ela se salvou. Só trouxeram ela pra cá por falta de orientação e porque não existia uma ambulância", disse ele.

Em Jacaraípe, nos seus 20 anos de experiência, o proprietário de farmácia Armino Andrade garante não suturar ninguém, mas não nega que muita gente procura o estabelecimento em busca de orientação. A gestante que Andrade levou para o Dório Silva, já em fase de expulsão do bebê, era uma delas — embora o balneário possua uma unidade sanitária onde o volume de atendimentos, segundo uma das três administradoras, Teresa Cristina Leal Pratti, venha aumentando consideravelmente. Por causa do verão, segundo ela, há médicos atendendo até 35 pacientes num plantão de quatro horas.

Dório Silva, onde todos acabam

A falta de resolutividade existente na rede ambulatorial da Serra não é exclusiva daquele município, mas tem gerado problemas sérios ao Hospital Dório Silva, segundo afirma seu diretor-geral, André Ruschi. O problema, segundo Ruschi, tem que ser enfrentado pelas secretarias estadual e municipal de Saúde, já que o Dório Silva, planejado para ser uma unidade especializada, tem absorvido pacientes cujos problemas podem, muito bem, ser resolvidos no posto de saúde mais próximo. A questão deve ser discutida numa reunião envolvendo o poder público e a comunidade.

Nesta temporada de verão, embora os balneários não estejam registrando grande fluxo turístico, como já era de se esperar, há aumento no número de pessoas — a chamada população flutuante — responsável por uma pressão maior sobre as redes de saúde, tanto em nível municipal quanto estadual. Pensando no sol forte e nas doenças típicas da estação, a Sesa reforçou a distribuição de folhetos explicativos, nas unidades sanitárias, sobre doenças como diarreia, desidratação e gastroenterite. Além disso, também dinamizou a Terapia de Reidratação Oral.

Ambulâncias

Mas, se há soro para reidratação oral, faltam ambulâncias. A Central de Ambulâncias, programada para funcionar desde o ano passado, depois do convênio assinado entre as prefeituras da Grande Vitória, a Polícia Militar e a Secretaria da Saúde, só conseguiu reunir três veículos, dotados de rádio para comunicação com a PM, através do telefone 190. O projeto prevê 10 ambulâncias, mas o superintendente das Ações de Saúde da Sesa, Paulo Marangoni, garante que em fevereiro tudo es-

tará funcionando como previsto. As prefeituras estariam tendo dificuldades na aquisição dos carros e dos equipamentos de comunicação.

O Estado, segundo ele, também estaria melhor preparado para acidentes automobilísticos com vítimas, tão comuns nesta época de muita velocidade nas estradas, caso o Governo federal já tivesse repassado, como prometido, recursos para investimentos nos hospitais de urgência, além de cinco ambulâncias dotadas de aparelhagem necessária ao socorro de acidentados. Está tudo detalhadamente descrito no Pró-Saúde, que o ministério da área anunciou amplamente e já garantiu para algumas capitais do país. Por enquanto, porém, o Corpo de Bombeiros do Espírito Santo, segundo Marangoni, tem apenas uma ambulância equipada para atendimentos do gênero, e seus homens vêm sendo treinados por médicos da Sesa.

O superintendente admite que, mesmo sem a pressão exercida pelo aumento do número de pacientes, com a chegada dos veranistas, o Estado enfrenta problemas no atendimento de urgência em áreas específicas como a oftalmologia, otorrinolaringologia, traumatologia-ortopedia e neurocirurgia. Nestes casos, há profissionais em número insuficientes e os existentes não têm interesse de prestar serviço à rede pública.

No que diz respeito à estrutura de atendimento nos balneários, Marangoni faz questão de frisar que, prioritariamente, o investimento tem de ser feito pelas prefeituras. Casos como o de Guarapari — onde o Estado só mantém uma unidade sanitária, e a grande maioria dos serviços médicos é particular — são apontados como problemáticos pelo superintendente.

PROCESSO JAPONES



TOYAMA

Serviço de dedetização Ltda.

Técnicas modernas e específicas no combate a **BARATAS, CUPINS, PULGAS E OUTROS INSETOS.**

AV. Jerônimo Monteiro 871/ gr 406 ED. JOSÉ NEFFA

PABX (027) 222.3833